

Maílson tornará menos difíceis as importações

BRASÍLIA — O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, não vai alterar a política cambial, mas admite criar facilidades para o aumento setorial das importações, reduzindo assim o saldo da balança comercial e seu impacto sobre a base monetária. A informação é dos deputados pefehistas Ricardo Fiúza (PE) e Luiz Eduardo Magalhães (BA), que conversaram com o ministro durante uma hora e meia, na noite de anteontem. A fórmula inversa — de desestímulo às exportações — está descartada, informaram.

Outra medida paralela para conter a expansão da base monetária, na opinião dos dois deputados, seria o adiamento por 60 dias dos próximos leilões da conversão formal da dívida externa. Maílson disse que estudaria a medida, mas preveniu que os seus resultados não seriam significativos, pois os pagamentos não são feitos de uma só vez, justamente para não pressionar a base monetária, e atendem a um cronograma de desembolso estabelecido pelo Banco Central, respeitada a taxa cambial do dia.

Os deputados estavam especialmente preocupados com a inflação e Fiúza chegou a defender a hiperinflação: "Chegaríamos ao fundo do poço e teríamos de reestudar o próprio modelo econômico", argumentou. Maílson, contudo, lhes garantiu que a inflação está alta mas continua sob controle e dentro dos níveis previstos nas negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Como exemplo de que a inflação não fugiu ao controle do governo, Maílson citou a elevação dos depósitos em cadernetas de poupança em julho e concluiu: "Não há pânico".

Não são verdadeiras as estimativas de taxas de 25% em agosto e até previu uma queda pequena, de dois ou três décimos percentuais, em relação aos índices do mês passado.

Pelo menos a curto prazo, e se depender exclusivamente de Maílson, o governo não vai adotar o redutor inflacionário sobre preços que o ex-ministro Mário Henrique Simonsen defende.